

pureza mortal

j. d. robb

Tradução de Isabel C. Penteado

*Curvamos as nossas cabeças à Tua frente e louvamos-Te,
Elevamos o Teu nome, Deus Todo-Poderoso!
Mas o homem é o mais terrível instrumento
Para encontrar um coração puro.*

WILLIAM WORDSWORTH

*Falso na amizade, implacável no ódio,
Determinado a governar ou a arruinar o Estado.*

JOHN DRYDEN

PRÓLOGO

ESTAVA UM CALOR ASSASSINO. Julho fletira os músculos transpirados, fitara o seu objetivo e começara a desferir pontapés em Nova Iorque com um calor abafado e sufocante de verão. Algumas pessoas conseguiam fugir, refugiando-se nas casas de praia onde podiam ingerir bebidas frescas e preguiçar sob a brisa do oceano enquanto faziam os seus negócios via teleligação. Outros muniam-se de mantimentos e escondiam-se nas suas casas refrigeradas como se fossem tribos sob cerco.

Mas a maior parte das pessoas tinha mesmo de aguentar.

Com o índice de calor já nos três dígitos, e sem um fim à vista, as pessoas andavam soturnas, os desodorizantes não faziam efeito, e os pequenos aborrecimentos afetavam até as almas mais pacatas, incitando-as à violência.

Os centros de emergência médica estavam cheios com os soldados feridos do verão de 2059. Muitos deles, que em situações normais nunca teriam sequer atravessado a estrada fora da passadeira, estavam agora nas esquadras da Polícia e nas celas, obrigados a telefonar aos advogados para explicar por que motivo tentaram atacar um colega de trabalho, ou empurrar um perfeito desconhecido para debaixo das rodas de um táxi-expresso.

Por norma, assim que o tempo arrefecia, as pessoas não sabiam porque tinham agido desta forma, mas ficavam sentadas, ou de pé, de rosto inexpressivo e confuso, como quem acabou de sair de um transe.

Mas Louie K. Cogburn sabia exatamente o que estava a fazer, porque o fazia e como pretendia continuar a fazê-lo. Era um pequeno traficante de substâncias ilegais que vendia principalmente Zoner e Jazz. Para aumentar os lucros, Louie misturava o Zoner com erva seca que arranjava nos parques da cidade e o Jazz com fermento de cozinha que comprava em bidões de tamanho industrial. A sua clientela eram miúdos de classe média entre os dez e os 12 anos que frequentavam as três escolas distritais mais próximas do seu apartamento do Lower East Side.

Isto evitava que tivesse de desperdiçar tempo e dinheiro em viagens.

Preferia os miúdos das classes médias porque os mais pobres normalmente tinham os seus próprios fornecedores dentro da família e os ricos apercebiam-se rapidamente da relva e do fermento. O grupo etário alvo enquadrava-se perfeitamente no tipo de lógica de Louie. Gostava de dizer que se os conseguisse viciar novos, teria clientes para a vida inteira.

Até ao momento, este credo não se revelara muito verdadeiro, porque Louie não tinha conseguido manter qualquer relação com um único cliente depois de estes acabarem o liceu.

Ainda assim, Louie encarava o negócio com grande seriedade. Todas as noites, enquanto os potenciais clientes faziam os trabalhos de casa, ele também fazia o seu. Orgulhava-se dos registos que mantinha e o mais provável era que ganhasse mais durante um ano se fosse contabilista numa empresa média qualquer do que ganhava a traficar. Mas era o tipo de pessoa que achava que os homens de verdade trabalhavam por conta própria. Só ultimamente sentira uma centelha de insatisfação, um toque de irritabilidade, uma certa faísca de desespero depois de passar uma hora de volta dos programas de gestão de negócios no computador em terceira mão, mas atribuía-os ao calor.

E aquela dor de cabeça. Era uma porra de uma dor de cabeça que nenhuma dose dos seus produtos conseguia curar.

Perdera três dias de trabalho porque a dor se tornara no centro do seu mundo. Fechou-se no estúdio onde vivia, a ferver com o calor, com a música nas alturas para abafar a tempestade que lhe rugia dentro da cabeça.

Alguém ia ter de pagar por aquilo, era a única coisa que sabia.

Alguém.

O sacana e preguiçoso porteiro não tinha arranjado o controlo de

temperatura. Pensou nisto com uma fúria cada vez maior enquanto os olhos húmidos e vermelhos passavam revista a números. Estava sentado só com a roupa interior, à única janela aberta do apartamento de um quarto. Não bulia uma aragem, mas o barulho que vinha da rua era horrível. Gritos, buzinas, pneus a ranger no alcatrão.

Aumentou o volume do rock pesado que ouvia na antiquada unidade de entretenimento para tentar abafar o barulho da rua. Para tentar derrotar a dor.

O sangue começou a escorrer-lhe pelo nariz, mas Louie não deu por nada.

Louie K. esfregou uma garrafa de cerveja caseira morna na testa. Quem lhe dera ter uma bomba. Se tivesse uma bomba, debruçava-se na porcaria da janela e destruía o maldito quarteirão inteiro.

O seu ato mais violento até à data tinha sido pontapear um cliente delinquente e derrubá-lo da prancha aérea, mas naquele momento a imagem da morte e da destruição alimentava-o enquanto transpirava sobre os livros e a loucura despontava na sua cabeça como rosas negras.

O rosto estava pálido como cera, remoinhos de suor caíam do cabelo castanho emaranhado, escorrendo pelas faces estreitas abaixo. Os ouvidos zuniam e o que parecia um oceano de gordura revolteava-se no seu estômago. O calor estava a deixá-lo doente, pensou. Se adocesse, perdia dinheiro. Tinha de se vingar do porteiro do prédio. Tinha de ser.

Enquanto olhava para o ecrã, as mãos tremiam-lhe. Fitou o ecrã. Não conseguia desviar os olhos.

Viu uma imagem de si próprio a dirigir-se à janela, a subir para o parapeito, batendo com os punhos contra aquela parede quente de ar, contra o barulho, contra as pessoas que passavam lá em baixo. Uma bomba nas suas mãos, distribuindo morte e destruição enquanto lhes gritava. Enquanto gritava e gritava, à medida que caía.

— Ia aterrar de pé e depois...

A batida feroz na porta do apartamento fê-lo virar-se. Cerrando os dentes, voltou para a janela.

— Louie K, meu cabrão! Baixa a porra da música!

— Vai para o inferno — murmurou enquanto pegava no taco de basebol que levava frequentemente para as áreas recreativas onde se insinuava aos potenciais clientes. — Vai para o inferno, vai para o inferno. Vamos todos para o inferno.

— Estás a ouvir-me? Diabos, pá!

— Sim, estou a ouvir. — Tinha espinhos, grandes espinhos de ferro a enterrarem-se no cérebro. Precisava de se livrar deles. Com um pequeno grito, deixou cair o taco para poder arrancar o próprio cabelo. Mas as batidas na porta não pararam.

— A Suze vai chamar a Polícia. Estás a ouvir-me, Louie? Se não baixas o volume dessa merda, a Suze vai chamar a Polícia. — Cada uma das palavras era pontuada com uma batida na porta.

Com a música, as batidas, os gritos e os espinhos todos a martirizarem-lhe a cabeça, com o suor a inundá-lo, Louie pegou novamente no taco.

Abriu a porta e começou a brandi-lo.

CAPÍTULO 1

A TENENTE EVE DALLAS DEIXOU-SE ficar à secretária. Estava a empatar e não se orgulhava propriamente disso. A ideia de mudar de roupa para um vestido todo elegante, de ir até à baixa encontrar-se com o marido e um grupo de desconhecidos para um jantar de negócios, ou lá o que era, disfarçado de evento social tinha tanto encanto como entrar para a unidade de reciclagem mais próxima e premir o botão Destruir.

Naquele momento, a Central da Polícia era um local bastante mais agradável.

Tinha resolvido e encerrado um caso naquela tarde, por isso havia papelada para tratar. Não estava a empatar. Mas uma vez que o bando de testemunhas concordava que o tipo que tinha saltado de um transportador de seis andares fora o mesmo que começara o jogo do empurra com um casal de turistas de Toledo, o caso não lhe tomava assim tanto tempo.

Nos últimos dias, todos os casos que lhe iam parar às mãos eram uma variação do mesmo tema. Casos domésticos em que os cônjuges se agrediam até à morte, escaramuças de rua que se transformavam em batalhas letais e até um combate mortal junto a uma banca de rua por causa de gelados.

O calor tornava as pessoas estúpidas e más, pensou, e esta combinação traduzia-se em sangue.

A própria Eve estava a sentir-se um pouco má perante a ideia de se vestir e passar várias horas num qualquer restaurante pretensioso a ter conversas de circunstância com pessoas que não conhecia.

Era o que dava casar com um tipo com dinheiro suficiente para comprar um par de continentes.

Roarke gostava realmente de noites daquelas. O facto de ele ser assim nunca deixava de a impressionar. Ele sentia-se tão confortável num restaurante de cinco estrelas — pelo menos num que fosse seu — a comer delicadamente caviar como em casa a devorar um hambúrguer.

E Eve achava que, uma vez que o casamento de ambos estava a aproximar-se do segundo aniversário, o melhor era deixar de se queixar. Resignada, afastou-se da secretária.

— Ainda aqui estás — disse a sua assistente, Peabody, parada à porta do escritório. — Pensei que tinhas um jantar catita na baixa.

— Ainda tenho tempo. — Um olhar de relance à unidade de pulso fê-la sentir uma pequena pontada de culpa. Pronto, ia chegar atrasada. Mas não muito. — Acabei agora mesmo o caso do tipo que saltou do transportador.

Peabody, cuja atitude perante o verão desafiava toda a ordem natural e conseguia manter-se fresca e atilada no calor sufocante, manteve uma expressão sóbria nos olhos escuros.

— Por acaso não estás a empatar, pois não, Tenente?

— Um dos residentes da nossa cidade, que eu jurei servir e proteger, acabou esborrachado como um inseto em plena Quinta Avenida. Acho que isso merece 30 minutos extra do meu tempo.

— Deve ser mesmo difícil, entrar à força num vestido bonito, colocar alguns diamantes ou coisa do estilo e engasgar-se com champanhe e croquetes de lagosta ao lado do homem mais bonito que este universo já viu nascer. Não sei como consegues aguentar os teus dias, com esse peso todo nos ombros, Dallas.

— Cala-te.

— E aqui estou eu, disponível para ir até à pizaria do bairro com o McNab, onde vamos dividir uma piza e a conta. — Peabody abanou lentamente a cabeça. O cabelo negro por baixo do chapéu abanou também. — Nem consigo dizer-te como me sinto culpada por saber das tuas dificuldades.

— Andas à procura de sarilhos, Peabody?

— Não, chefe — disse Peabody, fazendo um esforço para parecer muito devota. — Estou apenas a oferecer-te o meu apoio e solidariedade neste momento difícil.

— Graxista. — Ao mesmo tempo aborrecida e divertida, Eve começou a mexer-se. O comunicador da secretária apitou.

— Queres que atenda e lhes diga que já saíste?

— Eu não te mandei calar? — Eve regressou à secretária e atendeu a chamada. — Homicídios. Dallas.

— Chefe. Tenente.

Eve reconheceu o rosto do Agente Troy Trueheart quando este apareceu no ecrã, embora nunca tivesse visto as suas feições tipicamente americanas tão vincadas e tensas.

— Trueheart.

— Tenente — repetiu ele depois de engolir em seco de forma bastante audível. — Tenho um incidente a reportar. Em resposta a um... oh, Deus, eu matei-o.

— Agente. — Eve acedeu à localização de Trueheart enquanto falava. — Estás em serviço?

— Não, chefe. Sim, chefe. Não sei bem.

— Recompõe-te, Trueheart! — Gritou-lhe a ordem e viu-o a sobressaltar-se como se tivesse levado fisicamente uma bofetada. — Relata o que aconteceu.

— Chefe. Tinha acabado o meu turno e estava a ir para casa a pé quando uma mulher civil começou a gritar por socorro numa janela. Respondi. No quarto andar do edifício em questão estava um indivíduo armado com um taco de basebol a atacar a mulher. Outro indivíduo, masculino, estava já deitado no chão do corredor, inconsciente ou morto, a sangrar da cabeça. Entrei no apartamento onde o ataque estava a suceder e... Tenente, tentei detê-lo. Ele estava a matá-la. Virou-se a mim e ignorou todos os avisos e ordens para parar. Consegui sacar da minha arma, para o atordoar. Juro que a minha intenção era atordoá-lo, mas ele está morto.

— Trueheart, olha para mim. Escuta. Isola o edifício, comunica o incidente para a Central e informa-os de que já me contactaste e que estou a caminho. Eu trato de chamar a assistência médica. Mantém o local em segurança, Trueheart. Faz tudo como mandam os manuais. Estás a entender?

- Sim, chefe. Devia ter ligado primeiro para a Central. Devia...
- Fica onde estás, Trueheart. Eu estou a caminho. Peabody — chamou Eve enquanto saía disparada pela porta.
- Sim, chefe. Estou mesmo atrás de ti.

QUANDO EVE ESTACIONOU, JÁ HAVIA dois carros-patrolha de frente um para o outro e um veículo médico entalado entre os dois, junto ao passeio. Aquele bairro era do tipo em que as pessoas dispersavam quando a Polícia aparecia em vez de se aglomerarem para observar e por isso os agentes não tiveram de mandar recuar mais de um punhado de curiosos que se juntaram ao edifício.

Os dois agentes que flanqueavam a entrada do prédio olharam para ela e entreolharam-se de seguida. Era uma agente graduada e podia perfeitamente fazer-lhes os tomates em picadinho.

Eve sentiu o ambiente hostil enquanto se aproximava.

— Os polícias não deviam ser perseguidos por outros polícias quando estão a fazer o seu trabalho — resmungou um dos agentes entre dentes.

Eve parou a meio do passo e olhou para ele com frieza.

O agente olhou para o seu superior, sob a forma de uma mulher alta e esguia com olhos castanhos-dourados que naquele momento olhavam para ele tão inertes e inexpressivos como os de uma cobra. O cabelo dela, curto e espetado, era quase da mesma cor dos olhos e emoldurava um rosto onde se destacava a boca grande, comprimida agora numa fina linha. O queixo tinha uma pequena cova, mas com ar de quem aguentaria muito bem um punho.

O homem sentiu-se encolher perante o olhar de Eve.

— E os que fazem o seu trabalho não deviam ser criticados pelos colegas — respondeu ela friamente. — Se tem algum problema comigo, Agente, espere até eu acabar o meu trabalho. Depois pode falar à vontade.

Entrou para o átrio acanhado do prédio e premiu o botão do único elevador. Já estava a fumar, mas tinha pouco a ver com o calor sufocante que se sentia.

— O que é que se passa com alguns agentes, que só têm vontade de nos enganar quando somos graduados?

— São só os nervos, Dallas — respondeu Peabody quando entra-

ram no elevador. — A maior parte dos agentes da Central conhece o Trueheart e todos gostam dele. Quando um agente faz uma terminação por sua própria iniciativa, como foi o caso, a Investigação Interna vai ser brutal com ele.

— A Investigação Interna já é brutal, de qualquer maneira. O melhor que podemos fazer por ele é manter isto limpo e ordenado. Ele já fez asneira ao ligar-me antes de ligar para a Central.

— E vai ser responsabilizado por isso? Foste tu quem o tirou da patrulha de rua e o levaste para a Central, no último inverno. O Departamento de Assuntos Internos devia entender...

— O DAI não é muito compreensivo. Por isso, esperemos que isto não chegue lá. — Eve saiu do elevador e observou o local.

Ele fora suficientemente inteligente e bom polícia por não ter mexido nos corpos, reparou Eve com algum alívio. Dois homens estavam estendidos no chão do corredor, um deles de rosto para baixo, numa poça de sangue coagulado.

O outro estava virado para cima, a fitar o teto com uma expressão de surpresa. Através de uma porta aberta perto dos corpos, Eve ouvia sons de choro e soluços.

A porta em frente também estava aberta. Eve reparou em vários buracos e mossas nas paredes do corredor, lascas de madeira das paredes e salpicos de sangue. E o que tinha sido um taco de basebol mas que agora não passava de um pau partido, coberto de sangue e miolos.

Em sentido como um soldado mas pálido como um fantasma, Trueheart estava junto à porta. Os seus olhos ainda tinham uma expressão vítrea de choque.

— Tenente.

— Aguenta-te, Trueheart. Peabody, podes começar a gravar. — Eve agachou-se para examinar os dois corpos. O ensanguentado era grande e bem constituído, daquele tipo de corpo que é um misto de gordura e músculo e que podia abrir buracos nas paredes se alguém o irritasse suficientemente. A parte de trás do crânio parecia um ovo que tinha sido esmagado com um tijolo.

O segundo corpo tinha apenas uns calções de desporto vestidos. O corpo esguio e magro não tinha sinais de ferimentos, nódoas negras ou quaisquer danos. Finos veios de sangue escorriam-lhe das orelhas e das narinas.

— Agente Trueheart, temos a identificação de ambos os indivíduos?
— Chefe. A, hmm, vítima inicial foi identificada como Ralph Wooster, residente no apartamento 42E. O homem que m... — Parou de falar quando a cabeça de Eve se levantou subitamente e os olhos se afundaram nos dele.

— E o segundo indivíduo?

Trueheart humedeceu os lábios.

— O segundo indivíduo foi identificado como Louis K. Cogburn, do apartamento 43F.

— E quem está neste momento a chorar no apartamento 42E?

— Suzanne Cohen, companheira de casa de Ralph Wooster. Ela pediu ajuda da janela do apartamento em questão. Quando cheguei ao local, Louis Cogburn estava a atacá-la com o que parecia ser um taco de basebol. Nessa altura...

Trueheart voltou a calar-se quando Eve lhe levantou um dedo.

— O exame preliminar das vítimas indica um homem de raça mista, na casa dos 30 anos, com aproximadamente 100 quilos, cerca de um metro e 85 de altura; sofreu traumatismos graves na cabeça, rosto e corpo. A arma da agressão parece ter sido um taco, presumivelmente de madeira, manchado de sangue e matéria cerebral. O segundo indivíduo, também na casa dos 30, caucasiano, de aproximadamente 60 quilos, cerca de um metro e 75 de altura, é identificado como o agressor. Causa da morte, ainda por determinar. A segunda vítima tem sangramentos nos ouvidos e nariz. Não há traumatismos ou ferimentos expostos. — Eve endireitou-se. — Peabody, não quero que ninguém mexa nestes corpos. Depois de falar com o Cohen, eu mesma farei o diagnóstico no local. Agente Trueheart, disparaste a arma durante este incidente?

— Sim, chefe. Eu...

— Vou pedir-te que entregues a tua arma à minha assistente, que a vai guardar de imediato enquanto prova.

Ouviram-se alguns murmúrios zangados da parte dos dois agentes fardados que guardavam o corredor, mas Eve ignorou-os enquanto sustinha o olhar de Trueheart.

— Não és obrigado a entregar a arma sem teres representação legal. Podes solicitar um representante legal. Estou a pedir-te que entregues a arma para nos certificarmos de que nesta investigação tudo é feito na devida sequência.

Não obstante o choque, Eve viu a confiança absoluta que Trueheart tinha nela.

— Sim, chefe. — Quando ele levou a mão à arma, Eve pousou a sua própria mão no braço dele.

— Desde quando és canhoto Trueheart?

— Tenho o braço direito um pouco dorido.

— Ficaste ferido durante o incidente?

— Ele conseguiu dar-me algumas bastonadas antes de...

— O indivíduo que fez com que sacasses da tua arma atacou-te enquanto cumprias o teu dever? — Eve teve vontade de o sacudir. — Por que diabo não disseste logo?

— Aconteceu tudo tão depressa, Tenente. Ele precipitou-se na minha direção, a brandir o taco e...

— Tira a camisa.

— Chefe?

— Tira a camisa, Trueheart. Peabody, grava isto.

O agente corou. *Meu Deus, que inocente*, pensou Eve, enquanto Trueheart desabotoava a camisa. Ouvia Peabody sustar a respiração, mas não teve a certeza se seria por causa do peito inegavelmente bonito de Trueheart ou devido às nódoas negras que pareciam explodir no ombro direito dele.

— Pelo aspeto, ele ainda teve tempo para te dar umas valentes bastonadas. Quero que sejas visto pelo médi-técnico. Da próxima vez que ficares ferido enquanto desempenhas a tua função, Agente, certifica-te de que o divulgas. Aguarda aqui.

O apartamento 42E estava uma confusão. A julgar pelo que restava da decoração do espaço, Eve imaginou que a arrumação não era um dos fortes dos residentes. Ainda assim, era pouco provável que o local fosse habitualmente um verdadeiro campo de minas com vidros partidos espalhados por todo o lado e as paredes decoradas com quadros surreais de salpicos de sangue.

A mulher que estava na maca também parecia já ter tido melhores dias. Tinha uma ligadura sobre o olho esquerdo e a pele por cima e por baixo estava em carne viva.

— Ela está consciente? — perguntou Eve a um dos médi-técnicos.

— Pouco, mas está. Não a deixámos apagar por completo porque imaginámos que quisesse falar com ela. Mas seja rápida — disse-lhe o

técnico. — Precisamos de a internar. Tem uma córnea deslocada, o osso da face esmagado e um braço partido. O tipo atacou-a com vontade.

— Cinco minutos. Menina Cohen. — Eve aproximou-se, debruçando-se. — Sou a Tenente Dallas. Pode contar-me o que aconteceu?

— Ele enlouqueceu. Acho que matou o Ralph. Estava completamente louco.

— Louis Cogburn?

— Louie K., sim — gemeu a mulher. — O Ralph estava danado. Ele tinha a música tão alta que uma pessoa nem conseguia pensar direito. E está um calor horrível. Só queria uma ou duas cervejas e um pouco de sossego. Que diabo? O Louie K. costuma ouvir música alto, mas esta estava a rebentar-nos com os tímpanos. Ele andava a pedi-las há dias.

— O que fez o Ralph? — incentivou Eve. — Menina Cohen?

— O Ralph foi lá e bateu à porta, disse-lhe para baixar o volume da música. Mal dei por ela, o Louie saiu de repente de casa, a brandir um taco ou sei lá o que era. Parecia louco. O sangue voava por todo o lado e ele só gritava. Fiquei assustada, mesmo muito assustada, por isso fechei a porta da rua e corri para a janela. Gritei por socorro. Ouvia os gritos dele lá fora e uns baques surdos horríveis. Mas não ouvia o Ralph. Continuei a pedir socorro e depois ele entrou.

— Quem entrou?

— O Louie K. Nem sequer se parecia com ele. Tinha sangue por todo o corpo e os olhos dele tinham qualquer coisa esquisita. Atirou-se a mim, com o taco. Eu corri, tentei correr. Ele começou a partir tudo e a gritar que tinha espinhos na cabeça. Bateu-me e depois disso não me lembro de nada. Bateu-me na cara e não me lembro de nada até os MT começarem a tratar de mim.

— Viu ou falou com o agente que respondeu ao seu pedido de ajuda?

— Não vi nada a não ser estrelas. O Ralph está morto, não está?

— Uma única lágrima caiu-lhe pela face. — Eles não me dizem, mas o Louie nunca conseguiria passar por ele a não ser que estivesse morto.

— Sim, está, lamento muito. O Ralph e o Louie tinham algum historial de alterações?

— Quer dizer se já tinham discutido antes? Às vezes gritavam um com o outro por causa da música, mas era mais provável beberem um par de copos ou fumarem um pouco de Zoner juntos. O Louie é só um tipo um bocado esquisito, mas nunca causou problemas nenhuns.

— Tenente. — Um dos MT entrou na sala. — Temos de a transportar.

— Muito bem. Mandem alguém observar o meu agente. Ele apANHOU algumas tacadas no braço e ombro. — Eve recuou, depois foi até à porta atrás deles. — Trueheart, vais fazer-me um relatório, para os registos. Quero-o claro e detalhado.

— Sim, chefe. Registei a minha saída às 18:30 e encaminhei-me para sudeste da Central, a pé.

— Qual era o teu destino?

Trueheart corou ligeiramente. A cor apareceu e desapareceu-lhe do rosto.

— Estava a caminho da casa de, hmm, uma amiga, onde tinha combinado ir jantar.

— Tinhas um encontro.

— Sim, chefe. Enquanto me aproximava deste edifício, comecei a ouvir pedidos de socorro e, quando olhei para cima, vi uma mulher debruçada numa das janelas. Parecia estar num estado de agitação considerável. Entrei no edifício, subi até ao quarto andar, onde ouvi os sons de uma discussão. Alguns indivíduos vieram até às portas de casa, mas nenhum tentou sair. Pedi que algum deles ligasse para a emergência médica.

— Foste pelas escadas ou pelo elevador? — Detalhes, pensou Eve. Precisava que ele se lembrasse de todos os detalhes.

— Pelas escadas, chefe. Quando cheguei ao piso em questão, vi o indivíduo identificado como Ralph Wooster deitado no chão do corredor entre os apartamentos 42E e 43F. Naquele momento não parei para verificar os seus ferimentos, porque ouvi gritos e o som de vidros a partir no apartamento 42E. Dirigi-me imediatamente para lá e vi o indivíduo mais tarde identificado como Louis K. Cogburn a agredir uma mulher com o que parecia ser um taco de basebol. A arma estava...

Trueheart fez uma pequena pausa e engoliu em seco.

— A arma estava coberta com algo semelhante a sangue e uma matéria cinzenta. A mulher estava caída no chão, inconsciente, e Cogburn encontrava-se por cima dela. Segurava o taco sobre a cabeça como se estivesse a preparar-se para desferir novo golpe. Nesse instante, saquei da minha arma, gritei para que o atacante parasse e desistisse dos seus intentos e identifiquei-me como agente da Polícia. — Trueheart teve de

parar de falar e passou com as costas da mão sobre a boca. O olhar que enviou a Eve era ao mesmo tempo impotente e suplicante. — Tenente, a partir daqui aconteceu tudo tão depressa.

— Conta simplesmente o que aconteceu.

— Ele afastou-se da mulher. Estava a gritar qualquer coisa sobre espinhos na cabeça, sobre rebentar com a janela. Coisas estranhas. Depois voltou a levantar o taco, brandiu-o e parecia que ia bater novamente na mulher. Avancei para impedir que o fizesse e ele atacou-me. Tentei desviar-me e tirar-lhe o taco. Ele desferiu um par de tacadas, acho que foi nesta altura que o taco se partiu, e eu caí para trás, derrubei qualquer coisa e acabei por bater na parede. Vi-o dirigir-se novamente para mim. Gritei-lhe que parasse.

Trueheart inspirou para se recompor, mas isso não impediu o tremor da sua voz.

— Ele puxou o taco atrás como se estivesse prestes a bater uma bola e eu descarreguei a arma naquele momento. Está calibrada para atordoar ligeiramente, Tenente, está no mínimo. Como pode ver...

— O que aconteceu a seguir?

— Ele gritou. Gritou como... nunca ouvi ninguém gritar assim. Gritou e saiu a correr para o corredor. Fui atrás dele. Mas ele caiu ao chão. Pensei que estivesse apenas atordoado, mais nada. Mas quando me baixei para lhe colocar as algemas, percebi que estava morto. Verifiquei o pulso. Estava morto. Fiquei completamente desnortado. Chefe, fiquei desnortado. Sei que não segui os procedimentos corretos ao ligar-lhe primeiro a si...

— Isso agora não importa. Agente, na altura em que disparaste a arma, temias pela tua vida e/ou pela vida de civis?

— Sim, chefe, temia. Temia sim.

— O indivíduo Louis K. Cogburn ignorou todos os teus avisos para que parasse, desistisse dos seus intentos e entregasse a arma?

— Sim, chefe, ignorou.

— Agente. — Eve apontou para um dos agentes que estava no fundo do corredor. — Acompanhe o Agente Trueheart até ao exterior. Já foi solicitada assistência médica para observar os seus ferimentos. Coloque-o num carro-patrolha até os MT o poderem observar. Fique com ele até eu acabar o trabalho aqui. Trueheart, liga ao teu representante.

— Mas chefe...

— Estou a aconselhar-te a ligares ao teu representante — disse ela.
— Vou declarar, para os registos, que na minha opinião, depois de uma observação preliminar das provas e depois de conversar com Suzanne Cohen, o teu relato dos acontecimentos é satisfatório. O uso da arma parece ter sido necessário para proteger a tua vida e a dos civis. É tudo o que te posso dizer até a investigação de todo o incidente estar terminada. Agora quero que vás lá para fora, que te recomponhas, que ligués ao teu representante e que deixes os MT cuidarem de ti.

— Sim, chefe. Obrigado, chefe.

— Vamos lá, Trueheart. — O outro agente deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Agente, algum dos agentes de ronda conhece estes tipos que morreram?

O agente olhou de relance para Eve.

— Esta zona é do Proctor. Ele é capaz de os conhecer.

— Mande chamá-lo — disse, enquanto se selava e entrava no apartamento 43F.

— Ele está terrivelmente abatido — disse Peabody.

— Vai ter de ultrapassar isto. — Eve passou os olhos pelo espaço.

Estava uma confusão medonha, a cheirar a comida estragada e roupa por lavar. A acanhada zona da cozinha consistia num balcão de 60 centímetros, um miniAutoChefe e um minifrigorífico. Em cima do balcão estava uma enorme lata. Eve leu a etiqueta e arqueou as sobrancelhas.

— Ora bem, não estou a ver o nosso Louie K. a fazer muitos bolos. — Abriu um dos dois armários da cozinha e percorreu uma fila de frascos muito alinhadinhos e selados. — Parece que ele negociava substâncias ilegais. É engraçado, aqui dentro está tudo mais arrumado do que a casa de uma avozinha, mas o resto do apartamento parece uma pocilga.

Virou-se.

— No entanto não há pó nos móveis. Isso também é engraçado. Não imagino que um tipo que não se importa de dormir em lençóis que cheiram a pântano se desse ao trabalho de limpar o pó.

Abriu o armário.

— Aqui também está tudo limpo. As roupas denotam um pouco de falta de estilo, mas estão todas limpas. E olha para a janela, Peabody.

— O que tem, chefe?

— O vidro está limpo, por dentro e por fora. Alguém lavou os vidros nas últimas semanas. Porque lavas os vidros e deixas... que diabo é isto? Substâncias comestíveis não identificáveis espalhadas pelo chão?

— A empregada de limpeza esteve de férias esta semana?

— Sim, alguém esteve de férias esta semana. A quantidade de roupa interior suja que está aqui espalhada deve ser do mesmo período de tempo. — Eve olhou de relance para a porta quando um agente se aproximou.

— É o Proctor?

— Sou, chefe.

— Conhecia estes dois tipos que morreram?

— Conheço o Louie K. — Proctor abanou a cabeça. — Merda; desculpe, Tenente, mas merda, isto está uma grande confusão. Aquele miúdo, o Trueheart está lá em baixo a vomitar as entranhas.

— Fale-me do Louie K. e deixe que eu me preocupe com o Trueheart e as entranhas dele.

Proctor recompôs-se.

— Ele era um pequeno traficante de substâncias ilegais, andava principalmente atrás de miúdos do liceu. Dava-lhes amostras de Zoner e Jazz, para os atrair. Não valia o ar que respirava, se quer saber a minha opinião. Ainda cumpriu algum tempo, mas era um traficante bastante discreto e os tipos dos Narcóticos nunca conseguiram arrancar muito aos miúdos.

— Tinha tendências violentas?

— Tudo menos isso. Ele não dava nas vistas, nunca respondia mal aos agentes. Uma pessoa dizia-lhe para ele se pôr a andar e ele ia-se embora. De vez em quando olhava de forma mais atrevida, como se quisesse fazer-nos mais alguma coisa, mas nunca teve coragem para isso.

— Teve coragem suficiente para abrir a cabeça do Ralph Wooster e de agredir uma mulher e um agente.

— A única coisa que me ocorre é que tenha consumido os seus próprios produtos. O que também não encaixa no perfil. Era capaz de fumar um pouco de Zoner de vez em quando, mas era demasiado forreta para gastar em mais produtos. O tipo que está lá fora parece Zeus — dis-

se Proctor, apontando com o polegar para o corredor. — O pequenito devia estar enlouquecido. Mas que eu saiba, ele nunca se envolveu neste tipo de coisas.

— Muito bem, Proctor. Obrigada.

— O tipo vendia substâncias ilegais aos miúdos da escola; o mundo está bem melhor sem ele.

— Isso não somos nós quem decide. — Eve dispensou-o, virando-lhe as costas. Foi até à secretária e franziu o sobrolho ao ver o ecrã do computador.

PUREZA ABSOLUTA ATINGIDA

— Que diabo significa isto? — perguntou em voz alta. — Peabody, há alguma porcaria nova nas ruas que se chame Pureza?

— Não que eu tenha ouvido falar.

— Computador, identificar Pureza.

COMANDO INVÁLIDO

Franzindo o sobrolho, Eve introduziu o nome, o número do distintivo e a autorização.

— Identificar Pureza.

COMANDO INVÁLIDO

— Hmm. Peabody, faz uma pesquisa nas substâncias ilegais novas e nas conhecidas. Computador, guardar ecrã atual. Mostrar a última tarefa desempenhada.

O ecrã ondulou um pouco e depois exibiu uma tabela muito ordenada e organizada onde vinha detalhado o inventário, os lucros, as despesas e uma base de dados codificada dos clientes.

— Então, segundo a última tarefa e o registo de data, Louie estava aqui sentado, eficientemente a tratar da contabilidade quando lhe entrou um bicho qualquer pelo traseiro acima e o fez esmagar a cabeça ao vizinho.

— Está calor, Dallas. — Peabody espreitou por cima do ombro de Eve. — As pessoas ficam loucas com o calor.

— Sim. — Talvez fosse tão simples quanto isso. — Sim, até podem ficar. No inventário dele não há nada chamado Pureza.

— Na lista de substâncias ilegais atualmente conhecidas também não.

— Então que diabo é e como é que foi atingida? — Eve recuou. — Vamos dar uma vista de olhos ao Louie K., para ver o que ele nos pode dizer.

CAPÍTULO 2

LOUIE NÃO LHE DISSE TANTO quanto Eve desejava.

O melhor que pôde determinar no local do crime com o estojo de campo foi que Louie K. morrera na sequência de um esgotamento neurológico. Este não era exatamente o tipo de expressão que provocava sábios acenos de cabeça por parte dos agentes graduados.

Eve entregou o corpo ao médico-legista e atribuiu-lhe prioridade.

O que queria dizer que, devido ao horário de funcionamento de verão e ao trabalho acrescido que este implicava, teria sorte se recebesse os resultados da autópsia no início da manhã.

Tinha intenções de insistir, de reclamar alguns favores ao chefe do gabinete de médicos-legistas.

Entretanto, falou com o representante do departamento de Trueheart via teleligação e fez com ele a dança burocrática. Mandou o novato ainda um pouco abalado para casa e ordenou-lhe que se preparasse para a Investigação Interna.

Depois regressou à Central, onde escreveu e reescreveu um relatório detalhado sobre o incidente, de onde resultara duas mortes e um ferido grave.

Embora sentisse o estômago às voltas, seguiu os procedimentos e enviou uma fotocópia do relatório para os Assuntos Internos.

Quando chegou a casa, já passava bastante da hora do jantar.

As luzes estavam ligadas e a fortaleza urbana que Roarke construía brilhava como um farol na noite escura. Sombras verdes das grandiosas e frondosas árvores projetavam padrões na relva aveludada e deslizavam suavemente sobre os rios de flores que a cada dia ficavam mais brilhantes e fortes.

O bairro do Lower East Side que tinha acabado por consumir grande parte da sua noite estava a um mundo de distância daquele paraíso privado de riqueza, privilégio e indulgência.

Já estava quase habituada a viajar entre os mundos sem perder o equilíbrio. Quase.

Estacionou o carro junto aos degraus de pedra e subiu-os a correr, mais desejosa de sair do calor do que por ter pressa em chegar.

Mal tinha entrado em casa e inspirado a primeira golfada de ar fresco e límpido quando Summerset, o mordomo de Roarke, apareceu no átrio como uma visão indesejada.

— Sim, faltei ao jantar — disse Eve antes que ele pudesse abrir a boca. — Sim, sou um falhanço miserável enquanto esposa e um pobre exemplo da raça humana. Não tenho classe, cortesia nem qualquer sentido de decoro. Devia ser arrastada nua pelas ruas e apedrejada para expiar os meus pecados.

Summerset ergueu uma fêrrea sobranceira grisalha.

— Bem, é capaz de estar tudo dito.

— Ótimo, assim poupamos tempo. — Eve começou a subir as escadas. — Ele já voltou?

— Acabou de chegar.

Um pouco aborrecido por ela não lhe ter dado oportunidade para a criticar, Summerset franziu o sobrolho. Para a próxima tinha de ser mais rápido.

Quando teve a certeza que Summerset tinha desaparecido para o local de onde viera, Eve parou junto de um dos ecrãs da casa.

— Onde está Roarke?

BOA-NOITE, QUERIDA EVE. ROARKE ESTÁ NO ESCRITÓRIO.

— JÁ ERA DE PREVER. — Tinha certamente negócios para tratar depois do jantar. Eve ainda pensou em escapar-se para o quarto e saltar para baixo do chuveiro. Mas a culpa fê-la dirigir-se ao escritório.

A porta estava aberta. Ouviu a voz de Roarke.

Presumiu que ele estava a tratar dos detalhes de um negócio qualquer, muito provavelmente daquele que originara o jantar da noite. Mas não queria saber das palavras para nada. A voz dele era pura poesia, sedutora por si só, mesmo para uma mulher que nunca entenderia o coração de um poeta. Nela dançavam laivos da Irlanda, acrescentando música ao que achou que seriam factos crus e números.

Adequava-se ao rosto dele, que encerrava em si toda aquela beleza selvagem dos Celtas, com ossos fortes e angulosos, olhos de um azul profundo e uma boca carnuda e firme que podia ter sido esculpida por um deus habilidoso, num dia particularmente bom.

Eve parou à entrada e viu que ele estava a uma das janelas, a olhar para a rua enquanto ditava as informações. Reparou que Roarke tinha apanhado o cabelo para trás, a seda negra que normalmente usava solta e que lhe caía em direção aos ombros.

Ainda estava com o fato que usara para o jantar, preto e elegante, a ocultar o corpo longo e em forma. Uma pessoa olhava para ele e via o homem de negócios elegante, incrivelmente bem-sucedido, perfeitamente civilizado. Tinha-se polido a si mesmo, pensou Eve, mas o celta perigoso continuava ali, sempre abaixo da superfície.

E continuava, sempre, a atraí-la.

Viu um vislumbre do perigo quando ele se virou, embora não tivesse feito qualquer barulho, e os olhos de ambos cruzaram-se.

— Assinado, Roarke — disse ele, — e transmitir. Arquivar cópia em Hagerman-Ross. Olá, Tenente.

— Olá. Lamento não ter vindo jantar.

— Não lamentas, não.

Eve enfiou as mãos nos bolsos. Era ridículo, verdadeiramente ridículo, a forma como as mãos dela continuavam a formigar para lhe tocarem.

— Lamento mais ou menos não ter vindo jantar.

Ele fez um sorriso travesso, aquele relâmpago de encanto e humor.

— Não te terias aborrecido tanto quanto julgas.

— És capaz de ter razão. Se me tivesse aborrecido tanto quanto julgava, entrava em coma. Mas desculpa por te ter deixado ficar mal.

— Não me deixaste ficar mal. — Roarke atravessou o escritório até Eve, levantou-lhe o queixo com o dedo e deu-lhe um beijo leve. —

Quando tenho de pedir desculpa pela minha mulher, que foi chamada para resolver um caso urgente, o meu valor aumenta consideravelmente. O crime proporciona sempre conversas muito animadas durante um jantar. Quem é que morreu?

— Um par de tipos na baixa. Um traficante pequeno que atacou o vizinho com um taco de basebol e depois foi atrás de uma mulher e de um polícia. O polícia matou-o.

Roarke ergueu o sobrolho. Havia mais, pensou. Havia muito mais preocupação no seu olhar do que denotava o resumo rápido que lhe fizera do incidente.

— Isso não parece o tipo de problema que te manteria em serviço até tão tarde.

— O polícia é o Trueheart.

— Ah — disse Roarke, pousando-lhe as mãos nos ombros, massajando-os. — Como está ele?

Eve abriu a boca, depois abanou a cabeça e afastou-se.

— Merda, merda, merda.

— Está assim tão mal, é?

— O miúdo já furou a bolha, o que é suficientemente mau.

Roarke fez uma festa no gato gordo que estava estendido em cima da consola e a seguir deu um pequeno empurrão a *Galahad* para que se fosse embora.

— É uma maneira interessante de colocar a questão.

— Há polícias que passam por uma carreira inteira sem dispararem as suas armas. O miúdo está há um ano no serviço e já tem uma terminação no currículo. Isto muda tudo.

— Para ti, mudou? A primeira terminação que fizeste no desempenho das tuas funções? — acrescentou Roarke. Ambos sabiam que Eve tinha matado muito antes de ter um distintivo.

— Para mim foi diferente. — Questionava-se muitas vezes se a forma como a sua vida começara mudara de alguma forma a perspetiva que tinha sobre a morte.

Um insulto frio e impessoal.

— O Trueheart ainda mal tem 22 anos e está... cru. — Piedade, uma flor negra e escorregadia, despontou dentro de Eve. Agachou-se e fez uma festa distraída no queixo de *Galahad*. — Ele não vai conseguir dormir esta noite. Vai rever o que aconteceu vezes sem conta. Se tivesse

feito assim, se tivesse feito assado. E amanhã... — Esfregou o rosto com as mãos enquanto se levantava. — Não posso impedir uma Investigação Interna. Não posso deter o processo.

Eve sabia como se fazia a Investigação. Despidos, monitorizados, interrogados, forçados a permitir que máquinas e técnicos entrassem nas suas cabeças. Nas suas entranhas, como um tumor.

— Estás preocupada que ele não passe?

Eve olhou para longe, aceitando o copo de vinho que Roarke lhe serviu.

— Ele é mais duro do que parece, mas está muito assustado. E sente-se terrivelmente culpado. Pegas nesta culpa toda, nas dúvidas que o inundam e leva-las à Investigação e eles podem afundar-te. E depois tem de haver uma nova investigação do departamento. A nível interno.

— Porquê?

Sentou-se e descreveu-lhe o processo detalhadamente, enquanto o gato saltava para o seu colo e fazia um ninho. Dizer as coisas em voz alta ajudava-a a limpar a cabeça, principalmente a alguém que percebia tudo tão depressa e que entendia todas as implicações mesmo antes de ela as expor.

— O atordoador de um agente não consegue terminar nessas condições.

— Pois não. — Eve acenou com a cabeça. — Precisamente. Teria de estar com a carga máxima e ser descarregado diretamente na carótida. E mesmo assim seria preciso mais do que uma descarga.

— O que significa que a versão que o Trueheart tem do sucedido não é muito confiável.

Eve sabia que os AI seriam da mesma opinião, e iriam pedir-lhe também um relato dos acontecimentos.

— Ele estava numa situação complicadíssima. Um civil morto, outro em perigo extremo e o próprio Trueheart estava ferido.

— É isso que vais dizer aos AI?

Sim, ele entendia sempre todas as implicações.

— Sim, vai ser muito parecido com isto. — Eve tamborilou incessantemente com os dedos na coxa, no gato, e bebericou o vinho. — Preciso do relatório do ML. Mas não há hipótese de se determinar que o Trueheart terminou o tipo com intenção. Pânico, talvez. É capaz de apanhar uma sanção por pânico, 30 dias de suspensão, algumas sessões

obrigatórias de terapia. Não posso fazer nada quanto a isso. Ele já está em maus lençóis porque me ligou antes de ligar para a Central. Se os AI sentirem uma centelha que seja de tentativa de encobrimento, o miúdo está acabado.

Roarke bebericou também o vinho.

— Já ponderaste em conversar com o teu velho amigo, o Webster?

Eve tamborilou com os dedos no braço da cadeira e fixou os olhos em Roarke. Talvez existisse uma expressão divertida no rosto dele — talvez fosse outra coisa. Era muitas vezes difícil distinguir.

Don Webster não era exatamente um velho amigo de Eve. Tinha sido brevemente, e há muitos anos, amante dela. O facto de Don, por motivos que jamais seriam evidentes para Eve, nunca ter ultrapassado a única noite que passaram juntos, tinha causado uma violenta e fascinante discussão entre ele e Roarke.

Não era algo que Eve quisesse ver novamente.

— Talvez, a não ser que estejas a pensar que esta pode ser uma boa oportunidade de lhe esmurrar novamente a cara.

Roarke continuou a beber e sorriu.

— Acho que o Webster e eu temos um entendimento bastante razoável. Não o posso culpar por se sentir atraído pela minha mulher, uma vez que também eu me sinto bastante atraído por ela. E ele sabe que se voltar a encostar a mão naquilo que é meu, lhe parto cada ossinho do corpo em pedaços muito pequenos e pontiagudos. Funciona na perfeição para ambos.

— Fantástico. Maravilhoso — disse Eve entre dentes. — Ele já ultrapassou a questão. Foi o que me disse — acrescentou, quando Roarke se limitou a sorrir. Um sorriso indolente. Felino.

— Sabes que mais? Já tenho coisas suficientes com que me preocupar esta noite, por isso não vamos falar disto agora. Quero ligar ao comandante — disse Eve. — E não posso. Tenho de seguir absolutamente todos os procedimentos. O miúdo ficou enjoado de morte no fim. Não pude fazer nada por ele.

— Ele vai ficar bom, mamã.

Eve semicerrrou os olhos.

— Não brinques. Fui eu quem o tirou do Curso de Instrução dos Homicídios. E há uns meses mandei-o para o hospital.

— Eve.

— Está bem, está bem. Coloquei-o perante uma situação que acabou por o mandar para o hospital. Agora ele está a lidar com uma suspeita de terminação. Sinto alguma responsabilidade.

— Isso é a tua maneira de ver as coisas. — Passou a mão pelas costas dos dedos incansáveis. — É isso que faz de ti a pessoa que és. E por que ele te ligou primeiro. Estava assustado, abalado. Para a maior parte das pessoas, tirar uma vida não é um ato simples, e não devia ser. O facto de ter sentido todas estas emoções não faz dele um polícia melhor?

— Faz e também vou usar esse argumento. Mas não faz sentido, Roarke. Não faz mesmo — disse, enquanto se levantava para voltar a andar de um lado para o outro. Aborrecido, o gato empinou o rabo no ar e saiu do quarto.

— A vítima não tem marcas de queimaduras na garganta. Se o Trueheart o tivesse atingido ali, devia haver marcas na pele. Por que motivo não há?

— Ele não podia ter usado outra arma, com poder letal?

Eve abanou a cabeça.

— Não conheço ninguém menos provável de andar com uma arma letal. E se estiver enganada a respeito dele, onde está a arma? Não a tinha com ele. Também não estava no apartamento. Mandei verificar os caixotes da reciclagem. Ele ligou-me minutos depois da terminação. Não teve tempo de pensar com clareza suficiente para deitar a arma fora em segurança. Além de que, quando revemos toda a sequência, nada faz sentido.

Voltou a sentar-se e inclinou-se para a frente.

— Vejamos o tal de Louie K. O agente que patrulha aquela zona, os vizinhos, até a mulher que ele atacou, todos o descrevem como um bandido básico e palerma. Os alvos dele eram miúdos da escola. Tem cadastro, mas nada que se relacione com violência. Não tem agressões, nem coisas de grande monta. Nos registos não tem quaisquer armas em seu nome.

— E o taco?

— Jogava baseball. Então, o homem estava a fazer a contabilidade, de roupa interior. Os registos estão imaculados, o apartamento está uma balbúrdia. Mas não uma balbúrdia com lógica. Os armários estão organizados, os vidros das janelas lavados, mas há comida e loiça por lavar em todo o lado, assim como roupa suja espalhada pelo apartamento. É como se ele tivesse adoecido ou tivesse andado na farra durante uma semana.

Eve passou a mão pelo cabelo enquanto se recordava da imagem do apartamento acanhado. Imaginou-o no interior. Sentado a trabalhar na unidade de secretária, com aquele calor, junto a uma janela aberta. A transpirar apesar de estar só de calções.

— Tinha a música em altos berros, o que, segundo os vizinhos, não era nada de novo. Ralph, do outro lado do corredor, vai bater-lhe à porta. Mais uma vez, não era novidade. Mas desta vez, ao invés de baixar a música, Louie K. pegou no taco e espancou o ocasional parceiro de copos até o matar.

»Esmagou-lhe o crânio — continuou Eve. — Fez-lhe a cara em papa e bateu-lhe o suficiente para rachar um taco bom e robusto. O vizinho era talvez 45 quilos mais pesado do que Louie K., mas não teve sequer oportunidade de lhe dar luta.

Roarke sabia que Eve estava a ver a cena, a puxar as imagens do cérebro para tentar visualizar o que tinha acontecido. Embora não tivesse lá estado, ia ver a cena toda.

— É difícil dar luta quando o cérebro nos está a sair pelas orelhas.

— Sim, é uma desvantagem. Mas depois, sem parar de gritar, Louie K. abriu a porta do vizinho ao pontapé e foi atrás da mulher. O polícia respondeu ao pedido de socorro e Louie atira-se a ele.

— O calor pode transtornar as pessoas.

— Sim, pode. E traz ao cimo tudo o que elas têm de mau. Mas o tipo estava sentadinho a tratar da contabilidade. A registar entradas. Como fazia todos os fins de tarde, mais ou menos à mesma hora. Há qualquer coisa que não bate certo.

Franzindo o sobrolho, encostou-se à secretária de Roarke.

— Conheces alguma substância ilegal que dá pelo nome de Pureza?

— Não.

— Ninguém conhece. Quando entrei no apartamento dele, o ecrã estava ligado. Dizia “Pureza Absoluta Atingida”. Que diabo é a pureza absoluta e como é atingida?

— Se é uma substância nova, por que diabo estaria um traficante de trazer por casa envolvido nela?

— É a pergunta que tenho feito a mim mesma. O computador não identificou a substância, mesmo com o meu código de autorização. Por isso, enviei para a Divisão de Detecção Eletrónica. Mas não posso chamar o Feeney — matutou Eve. — Não parece muito bem requisitar o chefe da DDE para uma busca tão corriqueira.

- Podias ter-me chamado a mim.
- Isso então é que ia parecer mal. Além de que estavas a trabalhar.
- Pois estava, e estava também a comer, coisa que imagino que não fizeste. Tens fome?
- Agora que falas nisso. O que comeste?
- Hmm. Sopa fria de ameixa, salada de caranguejo e um fantástico rodovalho grelhado.
- Hmm. — Eve levantou-se. — Estava capaz de comer um hambúrguer.
- Não sei porquê, mas já calculava.

MAIS TARDE, EVE FICOU ACORDADA a olhar para o teto enquanto reconstituía as informações, as provas, as teorias. Nada parecia bater certo, pensou, mas não tinha a certeza se o seu pensamento não estava a ser influenciado pela preocupação que sentia em relação ao jovem e promissor polícia.

Ele tinha uma cabeça boa e um idealismo que era tão brilhante e cintilante como a prata polida. Pureza, voltou a pensar. Se tivesse de usar uma palavra para a definir, seria Trueheart.

Ele tinha perdido alguma da sua pureza naquele dia. Uma parte dela, Eve sabia, jamais seria recuperada. Ia sofrer com isso, mais do que devia.

E ela não estava a fazer de mamã, pensou, virando a cabeça o suficiente para franzir o sobrolho a Roarke, no meio da escuridão.

— Muito bem. — Ele aproximou-se dela, deslizando a mão certa para cima dos seus seios. — Já que estás com esta energia toda...

— Mas que energia? Eu estou a dormir.

— Não estás nada, não com as engrenagens da cabeça a rodarem tão alto que podiam acordar os mortos. Porque não te dou uma mãozinha, para te ajudar a lidar com essa energia?

Quando Roarke a puxou para junto de si, Eve riu-se.

— Tenho uma notícia para te dar, amigo. Isso não é a tua mão.

A 36 QUARTEIRÕES DE DISTÂNCIA, Troy Trueheart estava deitado no escuro, a fitar o teto. Ninguém partilhava a sua cama para lhe oferecer conforto ou distração. A única coisa que conseguia ver, impressa na escuridão, era o rosto do homem que matara.

Sabia que devia ter tomado o tranquilizante aprovado pelo departamento. Mas tinha medo de adormecer. Ia voltar a ver tudo nos seus sonhos.

Da mesma forma que o via enquanto estava ali deitado, acordado.

Os salpicos dos ossos, do sangue e de coisas piores na parede encardida do corredor. Ainda os conseguia cheirar, mesmo ali, no apartamento arrumado. A maneira como o calor intensificava o cheiro do sangue derramado. Conseguia ouvir os gritos, a dor da mulher que não era mais do que uivos de terror e de uma dor terrível. E do homem. Louis K. Coghurn. Os gritos dele eram como os de um animal selvagem enlouquecido pela caçada. As vozes de outros inquilinos a gritarem atrás das portas fechadas. As chamadas a entrarem pela janela vindas da rua.

E o coração a bater-lhe descompassado dentro do peito.

Porque não tinha pedido reforços? Assim que ouvira a mulher a gritar por ajuda, devia ter pedido reforços.

Mas apressara-se a entrar, pensando apenas em proteger e cumprir a sua função de servir.

Tinha gritado — tinha mesmo, pelo menos quando ia a subir as escadas, gritara para que alguém ligasse para a linha de emergência. Ninguém chamara. Apercebia-se agora. Ninguém ligara, ou a Polícia teria chegado ali muito antes da Tenente Dallas.

Como podiam as pessoas ficar paradas em casa, à porta fechada, enquanto um vizinho gritava por socorro? Jamais seria capaz de entender.

Vira o homem no corredor que já não tinha salvação possível. Vira-o, sentira o estômago a contorcer-se e o sangue a rugir-lhe na cabeça com um ruído surdo e branco que era o som do medo. Sim, tinha tido medo, muito medo. Mas o trabalho dele era entrar por aquela porta. A porta que estava aberta, pensava agora; passar por ela e entrar para os gritos, para o sangue, para a loucura.

E agora? E agora?

Polícia! Largue a sua arma! Largue a sua arma, agora!

Tinha a pistola de atordoar na mão. Pegara nela enquanto subia as escadas. Tinha a certeza. O homem. Louis K. Coghurn. Virara-se para ele, com o taco ensanguentado nas mãos, como um batedor na base. Trueheart lembrava-se agora que ele tinha os olhos pequenos. Minúsculos, quase a desaparecerem no rosto magro vermelho de raiva e de sangue alheio.

Do nariz escorria-lhe sangue mais escuro, mais fresco. *Acabei de me lembrar disto, pensou. Será importante?*

Ele atacou. Um louco de calções que se mexia veloz como um relâmpago. O taco descera sobre o ombro de Trueheart tão depressa, com tanta força. Cambaleara para trás, quase deixara cair a pistola. Sentira terror, ardente como o sangue.

O homem. Louis K. Cogburn. Virara-se novamente para a mulher. Ela estava caída, atordoada, a chorar. Impotente. O taco balançara bem alto no ar. Seria um golpe mortal.

Mas depois o homem estremeceu. Os olhos — *meu Deus, os olhos dele* — vermelhos como os de um demónio tinham ficado muito arregalados e saltado no interior do crânio. O corpo contorcera-se como um fantoche a dançar nos fios quando desatara a correr. Fora para o corredor.

E dançara, continuara a dançar. Depois caíra, parecendo dobrar-se e deslizar para o chão, de rosto para cima a fitar o teto com aqueles terríveis olhos vermelhos.

Morto. Morto. *E eu ali de pé junto a ele.*

Hoje matei um homem.

Trueheart enterrou o rosto na almofada, tentando apagar as imagens que queriam dançar dentro da sua cabeça. E chorou pelos mortos.

DE MANHÃ, EVE FEZ UMA CHAMADA para Morris, o médico-legista responsável e tentou não parecer muito rabugenta quando foi obrigada a deixar uma mensagem no atendedor de chamadas. Se fosse necessário, arranjava tempo para ir até à morgue e falar com ele pessoalmente.

Na verdade, era mesmo isso que ia fazer — e aproveitava para dar mais uma vista de olhos ao corpo de Cogburn.

Por muito que lhe custasse, ligou para Don Webster, nos Assuntos Internos. Dessa vez, não se deu ao trabalho de disfarçar o aborrecimento quando a chamada foi reencaminhada para o atendedor.

“O Esquadrão das Ratazanas tem uns horários fantásticos. Nós, os polícias de verdade, já estamos a trabalhar. Liga-me, Webster, quando chegares para começar o dia na tua secretária, enquanto farejas os poderes dos teus colegas de trabalho.”

Talvez não fosse muito inteligente da sua parte estar a irritá-lo, pensou Eve quando desligou a chamada. Mas por outro lado, se estives-

se com falinhas mansas, Webster perceberia de imediato que ela queria alguma coisa.

— Tenente. — Trueheart estava à sua porta, de chapéu na mão. — Mandou chamar-me.

— Mandei, sim, Trueheart. Entra. Fecha a porta.

Eve não estava a fazer nada de errado ao chamá-lo ao seu gabinete antes de ele ir para os AI. Era a investigadora principal daquele caso.

Era esta a sua história, pensou, e ia manter-se fiel a ela.

— Senta-te, Trueheart.

Ele estava tão pálido e de olhos encovados como Eve esperara. Mas ainda conseguia manter-se em sentido mesmo quando estava sentado. Eve programou o AutoChefe para fazer dois cafés, simples, quisesse ele um ou não.

— Foi uma noite difícil?

— Foi, chefe.

— Vais ter um dia ainda pior. Os AI não são propriamente uma experiência agradável.

— Pois não, chefe. Já ouvi dizer.

— É melhor estares preparado. Olha para mim quando falo contigo, Agente. — Falou bruscamente e viu a cabeça dele levantar-se e os olhos cansados focarem. — Vestes a farda, pegas no teu distintivo, no coldre, na arma e aceitas tudo o que estas coisas significam. A tua terminação de Louis K. Cogburn foi justificável?

— Não sei...

— Sim ou não. Aqui não há meio-termo, não existe qualificação possível. Segue o teu instinto, Trueheart. O disparo da arma foi necessário?

— Foi sim, chefe.

— Se hoje te deparasses com a mesma situação, voltarias a disparar a arma?

Ele estremeceu, mas acenou com a cabeça.

— Sim, chefe.

— Então esse é o ponto fulcral da situação. — Entregou-lhe o café. — Se te agarrares ao ponto fulcral, consegues ultrapassar o resto todo. Não tentes ser mais esperto que os AI. Ainda não tens experiência suficiente para isso. Responde corretamente e com a verdade. E seja lá como for que eles tentem manipular a questão da razão, disparaste a tua arma justificadamente, para preservar a vida de um cidadão e a tua.

- Sim, chefe.
- Caramba, Trueheart, tu és um gajo pacífico. A que distância estavas do sujeito quando disparaste?
- Acho que...
- Não aches nada. A que distância?
- Menos de dois metros, talvez um metro e meio.
- Quantos disparos lhe dirigiste?
- Dois.
- Durante a alteração, a tua arma alguma vez entrou em contacto direto com o corpo do sujeito?
- Em contacto? — Trueheart pareceu ficar espantado por um instante. — Oh, não, chefe. Quando disparei, estava caído no chão e ele ia a afastar-se. Depois virou-se e encaminhou-se para mim quando disparei a segunda vez.
- O que fizeste com a arma de recurso?
- A... — Uma onda de puro choque assaltou-lhe o rosto. Eve viu-o ficar corado, no que podia ser apenas indignação. — Chefe, eu não tinha uma arma secundária, nem sequer possuo uma. Comigo só tinha o atordoador de rua que estou autorizado a usar e que a chefe arquivou como prova no local do crime. Chefe, até me parece mal...
- Poupa-me. — Eve recostou-se. — Vou ficar surpreendida se não te fizerem essa pergunta nos AI. Podes apostar o que quiseses que os investigadores dos Assuntos Internos o vão fazer. E vão insistir contigo. Por isso, poupa a tua indignação para eles. Não bebes café, Trueheart?
- Bebo, chefe. — Olhou miseravelmente para a chávena, levantou-a e bebeu um gole. Depois arquejou. — Isto não é café.
- É pois. É café de verdade. É muito mais intenso do que aquela porcaria vegetal que se bebe, não é? Hoje vais precisar da energia extra. Ouve o que te digo, Troy. És um bom polícia e com um pouco mais de experiência, serás ainda melhor. As terminações nunca são fáceis. Não devemos ser capazes de encarar com ligeireza o fim de uma vida como se não fosse nada de especial, senão estamos a aproximar-nos demasiado daqueles contra os quais lutamos.
- Quem me dera... quem me dera que tivesse havido outra forma de lidar com isto.
- Mas não houve e não te esqueças disso. Não faz mal estares arrependido e até sentires-te um pouco culpado. Mas tens de te sentir abso-

lutamente seguro de que fizeste o que tinha de ser feito dadas as circunstâncias. Se os deixas perceber que não tens a certeza, eles estraçalham-te como um leopardo faz a uma gazela.

— Tive de o fazer. — Segurou o café com ambas as mãos, como se tivesse medo que a chávena lhe saltasse dos dedos. — Tenente, esta noite revi a situação na minha cabeça de mil formas diferentes e não podia ter feito as coisas de outra maneira. Ele teria matado aquela mulher. O mais certo era ter-me matado a mim também e quem mais se atravessasse no caminho dele. Mas cometi erros. Devia ter pedido reforços assim que entrei no edifício. Devia ter ligado para a Central em vez de lhe ligar a si.

— Sim, esses foram de facto os teus erros. — Eve acenou com a cabeça, satisfeita por ele ter pensado no assunto, por ter conseguido separar as coisas. — Mas nenhum deles teria evitado a terminação. Mas foram erros que agora te podem custar um pouco, sim. Porque não pediste reforços?

— Reagi instintivamente. A mulher parecia estar em perigo iminente. Quando estava dentro do edifício, ainda gritei para alguém chamar a Polícia, mas devia tê-lo feito pessoalmente. Se não tivesse conseguido deter o agressor e sem ter reforços a caminho, ainda se teriam perdido mais vidas.

— Muito bem. Essa é uma lição aprendida. Por que motivo me ligaste em vez de ligares para a Central?

— Eu... Tenente, não estava a pensar como devia ser. Apercebi-me de que os dois homens estavam mortos, que tinha terminado o agressor e...

— Estavas desorientado com os golpes que sofreste — disse Eve rapidamente. — Ficaste com receio de perder a consciência. O teu pensamento imediato foi relatar o homicídio e a terminação, e fizeste-o contactando a Tenente de Homicídios com quem trabalhaste no passado. Estás a registar isto, Trueheart?

— Sim, chefe.

— Estavas sob pressão física e psicológica. O tenente a quem relataste a situação ordenou-te que isolasses o local do crime e que mantivesse a tua posição até à sua chegada. Coisa que fizeste.

— Não faz parte do procedimento habitual.

— Pois não, mas é um argumento válido. Certifica-te de que te manténs firme. Não te tirei da patrulha de rua para te ver a desperdiçares agora a tua carreira.

- Vou receber a suspensão obrigatória de 30 dias.
- Possivelmente. Provavelmente.
- Hei de aguentar. Não quero perder o distintivo.
- Não vais perder distintivo nenhum. Apresenta-te nos AI, Agente Trueheart. — Eve levantou-se. — E mostra-lhes de que material és feito.

LIGOU NOVAMENTE PARA MORRIS, a chateá-lo, mas depois decidiu passar pela DDE antes de chamar Peabody para irem à morgue.

A DDE deixava-a sempre espantada. Não entendia como alguém conseguia ter o trabalho feito quando tudo o que faziam era andar de um lado para o outro com auriculares na cabeça ou então enterrados nos seus cubículos a discutir com computadores.

E raramente se vestiam como polícias. McNab, o elegante magriçela que estava atualmente envolvido com Peabody nas horas de expediente e fora delas, em atividades que Eve não gostava sequer de pensar, era capaz de ser o mais extravagante de todos eles. Mas não ganhava por uma grande margem.

Eve retirou-se o mais depressa possível para o escritório monótono e puramente profissional de Feeney.

A porta estava aberta. Feeney raramente a fechava, mesmo quando estava a repreender um subordinado por uma asneira qualquer, como acontecia agora.

— Achas que as unidades do escritório servem para a tua diversão e entretenimento, Halloway? Achas que podes recostar-te na cadeira e jogar ao Cruzados do Espaço com o dinheiro dos contribuintes?

— Não, Capitão, eu não estava...

— Este departamento não é a porra do teu salão de jogos.

— Capitão, estava na minha hora de almoço e...

— Ai tens tempo para almoçar? — O rosto de *basset hound* de Feeney mostrou choque, divertimento e uma secreta satisfação. — Bem, isso é fascinante, Halloway. Posso prometer-te que, nos próximos tempos, as tuas pausas para almoço vão passar a ser uma memória muito, muito agradável. Podes não ter reparado, uma vez que estavas tão ocupado a salvar o universo virtual enquanto mordiscavas uma sandes, mas estamos cheios de trabalho. Os crimes estão a aumentar juntamente com a temperatura e nós, enquanto soldados juramentados da lei, temos de puxar pelo canastro para salvar a cidade antes de passarmos para o espa-

ço e para os malditos invasores alienígenas. Quero um relatório sobre o *hacker* Dubreck na minha secretária, dentro de 30 minutos.

Halloway pareceu encolher dentro do fato completo cor de lima.

— Sim, chefe.

— E quando acabares o relatório, ajuda o Silby a tratar dos *links* do assalto aos Stewart. E quando acabares isso, digo-te o que vais fazer a seguir. Põe-te a andar.

Halloway pôs-se a andar, lançando um mortificado olhar de relance a Eve enquanto se encaminhava apressado para o seu cubículo.

— Isto até faz bem ao coração — disse Feeney com um suspiro, — vergastar assim um canastro magricela logo pela manhã. E contigo, tudo bem?

— Qual era a pontuação dele no Cruzados?

— Já estava em 56 mil no nível de Comando. — Feeney fungou. — O sacana quase deu cabo do meu recorde, que já se aguenta há três anos, quatro meses e 22 dias. Cabrãozolas!

Eve entrou, sentou-se no canto da secretária e pegou numa mancheia de amêndoas doces que Feeney tinha sempre numa taça.

— Já ouviste alguma coisa do Trueheart?

— Não. Está tudo abafado. — O rosto flácido de Feeney enrugou-se com preocupação. — O que foi?

Eve contou-lhe tudo, sem ocultar qualquer pormenor enquanto comiam os frutos secos. Feeney passou a mão pelo cabelo ruivo.

— Eles vão ser duros com ele.

— É bom para a construção da personalidade dele — resmungou Eve. — Ele está a contar-me a verdade, Feeney. O putito mais depressa engolia uma ratazana viva do que me mentia. Mas há aqui qualquer coisa que não bate certo. Trouxe o centro de comunicação e informações do Cogburn. Estava com esperanças que pudesses torná-lo prioritário. Ouve, sei que estás cheio de trabalho — acrescentou antes que ele pudesse falar. — Mas preciso de todas as armas que puder ter em relação a este assunto. E há aqui qualquer coisa. Sei que há. Esta cena da Pureza cheira-me a esturro.

— Não te posso dar o McNab. Já o tenho a tratar de mil coisas. Halloway — disse Feeney, alegrando-se, — acho que o rapaz não tem coisas suficientes para fazer. Vou pô-lo a tratar do assunto. Algumas horas extra vão fazer-lhe bem.

- E assim ajudas a proteger o teu recorde.
- Escusado será dizer. — Mas o bom humor abandonou rapidamente o rosto de Feeney. — Os AI vão dar uns belos apertões ao miúdo.
- Eu sei. Vou ver se consigo evitar alguns. — Afastou-se da secretária. — Agora vou chatear o Morris. Se o meu palpite se confirmar, o Trueheart safa-se das acusações mais graves.